

Ascom entrevista professor do IFPA Campus Óbidos, **Azenclever Bruno dos Santos**, selecionado pela Capes para participar do Programa Caminhos Amefricanos

Ascom 1- Como foi o processo de seleção para integrar a delegação brasileira? Quantas pessoas foram do Brasil? Todos os selecionados foram juntos com o senhor?

Azenclever Bruno dos Santos: O processo seletivo começou ainda em dezembro de 2024, por meio do edital conjunto nº 4/2024, uma parceria entre a CAPES e o Ministério da Igualdade Racial (MIR), com foco em intercâmbios Sul-Sul nas edições Peru, Angola e República Dominicana. Como professor da educação básica e técnica, só pude concorrer à edição Peru — as demais edições eram voltadas para estudantes de graduação.

Logo de cara, comecei a correr contra o tempo para reunir a documentação exigida. O edital era bastante específico, com pontuação limitada para titulação e experiência docente. No entanto, minha trajetória se destacou naquilo que mais pesava na avaliação: minha atuação em projetos de extensão e participação em movimentos sociais ligados à pauta racial. E é justamente aí que minha caminhada no IFPA – Campus Óbidos fez toda a diferença!

Nos últimos cinco anos, atuei intensamente em projetos marcantes como o NEABI e o NAC (Núcleo de Arte e Cultura), construindo ações de enfrentamento ao racismo e valorização das identidades quilombolas amazônicas. Foi essa base sólida que me levou a integrar a comitiva brasileira.

O processo contou com análise documental, elaboração de um plano de aula sobre os objetivos do intercâmbio e, por fim, uma entrevista pessoal. Cada etapa aumentava minha ansiedade, mas também minha esperança de viver algo grandioso.

No total, 50 professores (as) da educação básica foram selecionadas em todo o Brasil. E sim, todos e todas viajaram para o Peru! Essa pluralidade foi, sem dúvida, uma das maiores riquezas da experiência. No primeiro encontro presencial, em Lima, já era possível ouvir os diferentes sotaques e sentir a diversidade brasileira pulsando no grupo. Eu parti do Rio de Janeiro, onde atualmente estou radicado por conta do mestrado em Educação para as Relações Étnico-Raciais no CEFET/RJ. Dois colegas vieram do Pará, reforçando a presença amazônica na delegação.

Foi um verdadeiro feito logístico: 50 professores, mais a equipe de coordenação e documentaristas — cerca de 60 pessoas no total. Todos merecem parabéns pela organização impecável. Para mim, foi emocionante conhecer de perto colegas e pesquisadores que eu só conhecia por artigos e congressos. Uma troca profunda, potente e inesquecível.

Ascom 2. O que lhe motivou a participar do programa Caminhos Amefricanos?

Azenclever Bruno dos Santos: O que me motivou, acima de tudo, foi a proposta transformadora do programa. Quando li o edital e compreendi seus objetivos, percebi que aquilo ia muito além de um intercâmbio: era um projeto de reconstrução histórica e pedagógica — e eu queria muito fazer parte disso.

Vivemos em um país que ainda engatinha na implementação da Lei 10.639/03 e da 11.645/08, que tornam obrigatória a abordagem da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas. Ver um programa governamental assumindo essa pauta com seriedade e ousadia, oferecendo oportunidades de qualificação internacional para professores negros e negras, foi como um sopro de esperança.

Além disso, o formato do programa — um intercâmbio Sul-Sul — é por si só uma revolução. Estar em um país latino-americano, ao lado de irmãos e irmãs da diáspora, trocando experiências e saberes, nos ajuda a derrubar fronteiras construídas por lógicas coloniais. Caminhos Amefricanos é um projeto que aproxima nossos povos, reconecta histórias e fortalece a luta por uma educação antirracista de verdade.

Participar dele foi uma forma de reafirmar meu compromisso com a transformação social por meio da educação.

Ascom 3. Qual foi sua reação ao ser selecionado para representar o IFPA e o Brasil?

Azenclever Bruno dos Santos: Foi uma das maiores alegrias da minha vida! Quando recebi a notícia, senti como se estivesse sendo reconhecido não apenas como professor, mas como alguém que tem lutado diariamente por uma educação antirracista, equânime e verdadeiramente comprometida com os Direitos Humanos.

Naquele momento, me veio à mente toda a minha caminhada — desde a infância na Favela do Aço, no Rio de Janeiro, até minha atuação nos últimos anos no IFPA – Campus Óbidos, onde desenvolvi projetos com forte impacto social e racial. Ser selecionado para representar o Brasil e o IFPA nesse intercâmbio internacional foi como ver minha trajetória ser premiada. Uma confirmação de que vale a pena sonhar com uma educação que transforma realidades e combate desigualdades.

Me emocionei, sorri, chorei e agradei. Afinal, eu estava ali com outros 49 educadores(as) de diferentes regiões do país, compondo uma comitiva diversa, potente e comprometida com a construção de um mundo mais justo. Foi, sem dúvidas, um dia inesquecível.

Ascom 4. A experiência no Peru foi em que período? Durou 15 dias? Foram todos os dias em Lima?

Azenclever Bruno dos Santos: Foram 15 dias intensos, transformadores e inesquecíveis! Chegamos em Lima no dia 24 de agosto, um domingo de ambientação e acolhimento, e seguimos com uma agenda de compromissos diários — manhã e tarde — até o dia 7 de setembro, quando retornamos ao Brasil. Cada dia foi repleto de atividades que nos conectavam à profundidade da história afro-latino-americana.

Logo no início, participamos da cerimônia de abertura com a presença de toda a equipe de coordenação, professores intercambistas e representantes das instituições envolvidas. Estavam presentes nomes importantes como a Universidade Federal do Maranhão (idealizadora do projeto), o Ministério da Igualdade Racial, o SEBRAE, o Consulado do Brasil no Peru, além das instituições anfitriãs peruanas, como a Universidad Nacional Mayor de San Marcos e o Museu Nacional Afroperuano. Também tivemos o privilégio de dialogar com a congressista Marta Moyano, entre outras autoridades peruanas.

Durante os dias em Lima, participamos de seminários acadêmicos, mesas redondas e rodas de conversa na Universidad Mayor de San Marcos, além de visitas a escolas públicas em diferentes bairros e municípios. Fomos desde uma escola de ensino noturno até uma escola primária — experiências que nos permitiram conhecer de perto a realidade educacional peruana. Também visitamos museus históricos e sítios arqueológicos com forte presença e influência das culturas negras e indígenas, como Pachacamac, Callao e San Luis de Cañete.

Cada lugar que visitávamos era uma aula viva sobre a presença negra no Peru. A cada passo, nos sentíamos mais conectados com a diáspora, mais emocionados, mais comprometidos com a responsabilidade que esse intercâmbio nos trouxe. A experiência não ficou apenas em Lima — ela se expandiu por todo o nosso continente amefricano.

No final de semana, aproveitando uma breve pausa na agenda oficial, metade do grupo de professores decidiu fazer um bate e volta até as históricas cidades de Cusco e Machu Picchu. Foi uma escolha movida pelo desejo de mergulhar ainda mais fundo na ancestralidade latino-americana. Caminhar por aquelas montanhas foi como atravessar as páginas vivas de um livro de história — um livro aberto diante de nossos olhos, onde cada pedra, cada trilha e cada muralha inca contava segredos de um passado sagrado. Sabíamos que não podíamos perder essa oportunidade única. Estar ali, como educadores e agentes de transformação, foi um presente para a alma e uma injeção de propósito em nossa missão de reconstruir narrativas a partir de nossos próprios passos.

Ascom 5. Quais foram as principais atividades e temas abordados durante o intercâmbio? Que tipo de atividades acadêmicas e culturais o senhor participou no Peru? Como elas vão lhe ajudar aqui, no campus? Houve algum momento marcante ou experiência que o senhor destacaria?

Azenclever Bruno dos Santos: Como mencionei, vivemos uma agenda intensa e profundamente formativa. Todas as manhãs e tardes estávamos imersos em seminários, palestras, rodas de conversa e visitas técnicas. Muitas dessas atividades aconteceram na Universidad Nacional Mayor de San Marcos — a mais antiga das Américas, fundada em 1551 — um espaço de resistência e de construção de saberes anticoloniais. Lá, abordamos temas fundamentais como relações étnico-raciais, descolonização curricular, combate ao racismo e desafios comuns à educação em países latino-americanos.

Tivemos também experiências marcantes em escolas públicas de Lima e cidades vizinhas, onde conhecemos de perto projetos de educação de jovens e adultos e de educação infantil. Essas visitas nos permitiram comparar realidades, refletir sobre nossas práticas e reafirmar o quanto é urgente uma educação que respeite as diferenças e enfrente desigualdades históricas.

Visitamos sítios arqueológicos e museus que revelam vestígios das civilizações originárias e mostram com clareza a ruptura social imposta pela chegada dos colonizadores europeus e pela escravização de africanos. Foi muito impactante ver, com os próprios olhos, como a história da diáspora negra está registrada — e muitas vezes silenciada — na formação da sociedade peruana.

As atividades acadêmicas foram conduzidas por intelectuais de referência como o professor Ricardo Aguilar (do curso de História da UNMSM), o escritor José “Cheche” Campos e a congressista Marta Moyano, que lidera uma frente parlamentar pela visibilidade da população afroperuana. Tivemos também encontros com ativistas, professores da rede pública e lideranças comunitárias, que nos mostraram como a luta pela igualdade racial é compartilhada em todo o continente.

No campo cultural, cada lugar por onde passamos nos recebeu com danças típicas, pratos tradicionais e expressões artísticas que reafirmam o orgulho das raízes afroperuanas. Foi uma troca riquíssima e afetiva, que me tocou profundamente como educador e como homem negro brasileiro.

Momentos marcantes foram muitos. Logo no primeiro dia, no Instituto Guimarães Rosa, tivemos uma roda de apresentação em que cada intercambista compartilhou sua origem e sua luta contra o racismo. Aquela escuta coletiva foi emocionante e potente. Nas escolas, o encontro com estudantes peruanos, tanto crianças quanto adultos, foi igualmente tocante — ali percebemos que, apesar das distâncias, nossa luta por uma educação de qualidade, antirracista e baseada em direitos humanos é a mesma. E, por fim, caminhar pelas pedras sagradas de **Cusco**, **Machu Picchu** e do sítio arqueológico de **Pachacamac** foi como entrar em um livro de história vivo. Uma vivência espiritual, ancestral e inesquecível.

Todas essas experiências me impactaram pessoal e profissionalmente. Volto ao IFPA ainda mais convicto de que nosso papel como educadores é construir pontes entre os saberes, valorizar a memória dos povos afrodescendentes e fortalecer a identidade dos nossos estudantes, em especial os quilombolas e amazônidas.

8. 9. e 10. Que tipo de redes de cooperação para o IFPA foram construídas durante o programa? Como o programa contribuiu para fortalecer sua atuação como docente no IFPA campus Óbidos? Teve algum contato com pesquisadores de outros países da diáspora africana? Como foi essa troca?

Durante essa imersão na sociedade peruana e em seu modelo educacional, pude perceber o quanto as universidades de lá estão abertas a criar pontes com instituições brasileiras. Tanto a **Universidad Nacional Mayor de San Marcos**, quanto a **Universidad Nacional de Educación Enrique Guzmán y Valle** demonstraram grande interesse em estabelecer programas de intercâmbio com o Brasil, inclusive com escolas e institutos federais como o IFPA.

Fomos oficialmente convidados a estreitar laços de cooperação acadêmica e institucional, por meio de **cursos, visitas técnicas, oficinas binacionais e trocas educativas** que podem envolver professores, estudantes e projetos conjuntos. Isso abre portas importantes para o IFPA – Campus

Óbidos, especialmente para nossas ações de extensão e pesquisa em territórios quilombolas e comunidades amazônicas.

Pessoalmente, volto muito mais fortalecido como docente. A vivência teórica e prática que tive nesse intercâmbio amplia minha compreensão sobre uma educação que ultrapassa fronteiras, une nações irmãs e se reconhece como parte de uma história colonial compartilhada — marcada por resistências e ancestralidades comuns. Tudo o que aprendi nesse processo será revertido no fortalecimento dos meus projetos de educação antirracista e baseada em direitos humanos, conectando a Amazônia ao restante da América Latina e ao continente africano por meio da diáspora.

E sim, tive muitos contatos valiosos! Durante os eventos, rodas de conversa e visitas técnicas, trocamos experiências com **pesquisadores, professores universitários, ativistas e até com jovens voluntários peruanos** que nos receberam com um sorriso no rosto, curiosos para conhecer o Brasil e nossas realidades educacionais. Essas conexões foram afetivas, intelectuais e políticas — sementes que, com certeza, darão frutos em futuras parcerias.

Ascom 6: De que forma essa participação fortalece a missão do IFPA e em Óbidos? Acredita que essa sua experiência pode inspirar estudantes e colegas da instituição? De que jeito? Quais ações futuras podem surgir a partir dessa vivência internacional?

Azenclever Bruno dos Santos: A minha participação nesse intercâmbio está profundamente conectada à missão institucional do IFPA. Toda ação que contribui para a qualificação do nosso corpo docente e técnico se traduz diretamente na melhoria da educação que oferecemos à comunidade. E é isso que move o IFPA: devolver à população brasileira uma educação pública, gratuita e de alta qualidade, que seja instrumento de desenvolvimento humano, justiça social e equidade.

Viver essa experiência no Peru me reafirmou que educação é uma ponte entre povos e territórios — e que nosso papel em Óbidos, no coração da Amazônia, é tão estratégico quanto em qualquer capital. Ao trazer novos repertórios culturais, teóricos e metodológicos, fortalecemos a missão do IFPA como instituição que não apenas forma para o trabalho, mas também forma para a vida, para a cidadania e para a transformação social.

Tenho certeza de que essa vivência pode — e vai — inspirar meus colegas e estudantes. Já percebo um desejo coletivo de buscar qualificação, de se engajar em projetos que valorizem as histórias e identidades dos nossos alunos e alunas. Muitos colegas me procuraram curiosos com a experiência, interessados em saber como podem participar de programas semelhantes, e isso me anima muito.

Acredito que podemos, juntos, nos organizar para aproveitar futuros editais, criar projetos interdisciplinares e reforçar o protagonismo dos nossos discentes, especialmente os quilombolas, ribeirinhos, indígenas e periféricos.

Quanto às ações futuras, já estou cheio de ideias! Como professor de Língua Espanhola, pretendo estreitar parcerias com as universidades peruanas que conheci — como a Universidad Mayor de San Marcos e a Universidad Nacional de Educación — propondo intercâmbios virtuais, rodas de conversa e oficinas com temas ligados à cultura afro-latino-americana. Quero fortalecer também projetos que valorizem o espanhol como língua irmã, capaz de unir sociedades e culturas vizinhas que compartilham uma história de resistência, ancestralidade e solidariedade continental.

Ascom 7: Como o programa promoveu reflexões sobre práticas educativas antirracistas e decoloniais? Que aprendizados trouxe sobre a valorização da herança africana na educação?

Azenclever Bruno dos Santos: O programa promoveu reflexões profundas a partir do encontro direto entre educadores brasileiros e peruanos. Compartilhamos nossas lutas cotidianas para implementar a Lei 10.639/03 e a 11.645/08 no Brasil, e ouvimos dos colegas peruanos sobre os desafios que enfrentam diante do apagamento da população negra no país — uma realidade agravada pelo discurso oficial da

mestiçagem. Segundo o censo de 2017, apenas 3% da população peruana se autodeclara afrodescendente. Isso nos fez refletir sobre como o racismo opera de formas diferentes, mas igualmente perversas, em nossos territórios.

Falamos também sobre os desafios educacionais comuns: analfabetismo, evasão escolar, violência, racismo, uso de drogas, ausência do Estado em territórios periféricos. Diante disso, o que nos une é o desenvolvimento de práticas pedagógicas afetivas, que valorizam a escuta, o acolhimento e a conexão com a realidade dos nossos estudantes.

A cada troca, fomos descolonizando nossas formas de pensar o currículo — ainda tão preso à lógica eurocêntrica — e nos reconectando com saberes ancestrais, com as histórias invisibilizadas dos povos africanos e latino-americanos. Foi um exercício de resgate, cura e reconstrução coletiva.

Apreendi que a valorização da herança africana na educação não é apenas uma questão de conteúdo, mas de forma, de sensibilidade, de postura diante da vida. A pedagogia afro-indígena nos ensina sobre o valor da coletividade, do aprender com prazer, da brincadeira como metodologia, do afeto como ferramenta de transformação. Apreendi que antes da invasão colonial, já existiam aqui sociedades indígenas milenares, com tecnologias sofisticadas, conhecimentos em astronomia, agricultura e organização social complexa — e que toda a comunidade era responsável por educar as futuras gerações, sempre em profunda relação com a natureza.

Também compreendi a potência dos povos africanos que foram forçados a cruzar o oceano: povos que, mesmo arrancados de suas terras, contribuíram enormemente para a construção da cultura americana. Sua força de trabalho, seus conhecimentos, suas espiritualidades e estéticas ajudaram a moldar tudo o que somos hoje.

Volto desse intercâmbio com o coração mais forte, a mente mais aberta e um compromisso ainda maior com uma educação que valorize essas heranças — não como passado, mas como presente e futuro.

Ascom 8: Ficou alguma pergunta que eu não fiz? Alguma informação a mais para acrescentar? Todo detalhe que puder fornecer será importante para a matéria.

Azenclever Bruno dos Santos: Sim, acho importante reforçar que o programa Caminhos Amefricanos é muito mais do que um intercâmbio: é um chamado. Um chamado para que nós, educadores e educadoras, repensemos o lugar da escola na construção de uma sociedade mais justa, plural e antirracista.

Volto desse encontro profundamente transformado e com uma certeza: nossos territórios, especialmente os mais invisibilizados — como o interior da Amazônia, onde atuo — têm muito a ensinar ao mundo. A Amazônia também é um lugar de produção de saber, de resistência negra e de esperança coletiva.

Gostaria de aproveitar esse espaço para dizer aos meus colegas do IFPA, de todos os campi, que esse tipo de oportunidade é para nós, sim! Precisamos ocupar esses editais, esses espaços internacionais, essas mesas de debate — levando conosco nossas vivências, nossas comunidades e nossos sonhos de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Que a nossa presença fora do país fortaleça ainda mais o nosso compromisso com quem está aqui dentro, nos esperando nas salas de aula, nos corredores das escolas e nos territórios onde o IFPA atua com tanta potência.